

# Felisberto Caldeira Brant Pontes

## MARQUEZ DE BARBACENA (\*)

(NOTICIA BIOGRAPHICA)

Politico, Financeiro, diplomata e militar—o homem cujo nome e titulo acima se leem foi no seu tempo personagem dos mais salientes. A'quellas varias aptidões reunio ainda dotes de verdadeira fidalguia natural, apurados pela educação e convivencia em circulos selectos, e que por vezes manifestavão-se espontaneos em actos generosos ou altivos, em rasgos de antigo cavalheirismo, feição das organizações superiores.

(\*) O Brasileiro e Mineiro Felisberto Caldeira Brant Pontes, Marquez de Barbacena, nada tem de commum, excepto a semelhança do titulo, com o Portuguez Luiz Antonio Furtado de Mendonça, Visconde de Barbacena, que no periodo colonial foi governador da Capitania de Minas-Geraes (1788-1797).

Não se tenha por absolutamente ociosa a advertencia, comquanto o pareça, pois no *Diccionario Bibliographico Brasileiro* do Illustrado sr. dr. Augusto Victoriano Alves do Sacramento Blake, digno membro do Instituto Historico Brasileiro, vol. II, pags, 327 e 328 escapou o seguinte extraordinario mistiforio, que pode induzir em erro leitor desapercebido: — «FELISBERTO CALDEIRA BRANT PONTES, Marquez de Barbacena —..... nasceu em Marianna, Minas-Geraes, a 19 de Setembro de 1772.....» (seguem-se outras noticias exactas sobre sua vida. «..... Foi o descobridor da conspiração mineira em 1789 achando-se então no governo da capitania, e adquirindo por isso muitos inimigos.—..... Escreveu officio dando conta para a côrte de haverem abortado os planos de Tiradentes e seus socios. Vem na *Revista* do Instituto, etc. E' datado de Villa Rica, 11 de julho de 1789.»

Não podia ser mais completo o mistiforio.

Uma apreciação minuciosa de sua vida, activissima e agitada, daria materia para livro. Só nos cabe, e para mais a competencia nos faltára, dar a respeito ligeira noticia, que buscaremos circumscrever aos factos principaes e averiguados.

Nasceu este distincto Mineiro a 19 de Setembro de 1772 no arraial de S. Sebastião, do municipio de Marianna, e era filho legitimo do coronel Gregorio Caldeira Brant e de D. Maria Francisca de Oliveira Horta, pertencente esta a uma importante familia mineira, e aquelle a uma familia originaria da Hollanda.

Estrangeiro illustre, Aug. de Saint-Hilaire, que esteve no Brasil no primeiro quartel deste seculo, diz que Felisberto Caldeira Brant *era um personagem desde muito famoso entre os Brasileiros, e que a pintura de seu character offerceria talvez um typo particular n'um romance de costumes.* Os factos que vamos summariar, mostrando essa face original e brilhante do seu character, serão os historicos traços do seu perfil.

Estudou diversos preparatorios em Marianna, e submettido com outros a exame, no Rio de Janeiro, perante o vice-rei Luiz de Vasconcellos, tão extraordinarias provas deu de precoce intelligencia e applicação que mereceu—*um conuito do vice-rei para jantar com elle, em signal de particularissimo apreço.* Foi este por certo um galardão excepcional, mormente attendendo-se ao regimen politico do tempo, pouco proprio para semelhantes amabilidades dos poderosos.

Seguiu para Lisboa em 1788 com praça de cadete: lá entrou para o *Collegio dos Nobres* d'onde passou-se para a Academia de Marinha. Pela organização desta, aos respectivos alumnos premiados cabia o direito a accesso. No fim do curso (que era de cinco annos) tantos forão os premios obtidos pelo joven e talentoso Mineiro que davão-lhe o direito ao posto de capitão de mar e guerra! Contava elle então cerca de 20 annos apenas, e esta circumstancia privou-o d'aquella alta graduação. Mas foi nomeado major do estado-maior por haver, como pedio, se transferido para o exercito, seguindo logo para Angola em commissão do governo e ali muito se distinguio durante sua residencia de dois annos.

Tornou a Lisboa com a escala pela Bahia onde se demorou alguns mezes e para onde regressou pouco depois, nomeado tenente-coronel do 1.º regimento dessa capitania. Na Bahia contrahio casamento riquissimo, o que lhe permittio, sem renunciar á carreira militar, dedicar-se tambem, com grande actividade e intelligencia, ao commercio e á lavoura, realizando importantissimos melhoramentos nas fazendas em que era socio com seu sogro, inclusive introducção de machinismos a vapor e abertura de uma estrada na extensão de quarenta legua-l

Com a fortuna que favoneava-o, começaram seus habitos de luxo, tratamento aparatoso e ostentação fidalga. Dois factos occorridos

em 1805, na Bahia, o caracterisção assaz: os valiosos presentes e grandes obsequios que fez ao principe Jeronymo Bonaparte, que ali aportára em esquadra franceza, o qual, por sua vez, offertou-lhe diversos mimos, entre os quaes uma espada; e o emprestimo sem juros, de 67:000\$000 em moeda forte, que fez o almirante Popham, commandante de uma esquadra ingleza, desprovido de recursos na occasião. Recebeu mais tarde por esse motivo vivos agradecimentos do governo inglez, por intermedio do almirantado britanico.

Achando-se Caldeira Brant em Lisboa em 1807, veio nesse anno com a familia real portugueza para o Brasil.

Na Bahia, onde ficou, impulsionou de novo seus empreendimentos agricolas e industriaes, sem esquecer-se de promover com igual actividade melhoramentos e beneficios publicos, introduzindo então, á propria custa, a vaccina no Brasil e pouco depois o primeiro barco movido a vapor, inaugurado a 4 de Outubro de 1819, em navegação até a villa, hoje cidade da Cachoeira.

Em 1821, tambem na Bahia, presente numa reunião promovida para se manifestar previa adhesão á Constituição que elaboravão as côrtes portuguezas, bem comprehendendo que resurgia d'ahi á recolonisação do Brasil, oppoz-se áquelle alvitre, lembrando ousadamente que, em vez disso, fizesse o Brasil a sua Constituição declarando-se independente. Esta attitude patriótica e resoluta, que no momento attrahio sobre si injurias e ameaças, creou-lhe entre os Portuguezes, ainda dominadores, inimigos rancorosos, e tendo avisos de que pretendião assassinal-o acautelou-se e pôde vir para o Rio de Janeiro.

Pouco depois, ainda sitiado por prevenções hostis, sinão ameaças, que o seu *brasileirismo* suscitára, obtida licença do governo do principe regente, seguiu para Inglaterra, estabelecendo residencia em Londres.

Quando em 1822 teve noticia de haver o principe D. Pedro declarado ficar no Brasil, a despeito das ordens do rei, seu pai, e das côrtes portuguezas, Caldeira Brant, em nobre entusiasmo patriótico, escreveu ao ministro José Bonifacio offerendo em auxilio da independencia nacional os seus serviços e bens, e logo confirmou as palavras por actos magnificos enganando officiaes e marinheiros e pagando á sua custa todas as despesas precisas para a viagem ao Brasil. Obteve ainda que muitos negociantes mandassem petrechos bellicos de que havia grande necessidade entre nós e conferenciou com o celebre ministro Canning, no empenho fervoroso de conseguir-lhe o apoio efficaç para o movimento dos nacionaes brasileiros, cujo objectivo era a Constituição autonoma e gloriosa da patria. Realizada esta, regressou ao Brasil, já eleito deputado pela Bahia á Assembléa Constituinte.

Reprovando a violenta dissolução da Assembléa Constituinte, o illustre cidadão excusou-se a entrar para o ministerio, mas no anno seguinte

(1824), ainda por impulso de louvável civismo, partiu para a Bahia almejando contribuir, e effectivamente muito fez, para o apaziguamento dos animos irritados contra aquelle attentado de Pedro I. Foi então titulado Visconde de Barbacena (e dois annos depois Marquez), partindo para a Europa com a dupla e importantissima missão de levantar para o governo brasileiro um emprestimo em Londres e promover o reconhecimento definitivo da independencia do Brasil.

Conseguiu o distincto Mineiro aquelle primeiro objectivo em condições julgadas vantajosas; mas, quanto ao segundo, elle e o Visconde de Itabayana, plenipotenciarios brasileiros, não chegarão a accordo com o representante de Portugal, d'ahi resultando a intervenção interessada do governo inglez, a quem representava o diplomata Carlos Stuart, e logo depois o tratado de Pedro I com D. João VI no qual, por deprimente e ominosa clausula secreta, obrigou-se o Brasil pelo pagamento do emprestimo que Portugal contrahira em Londres, para gueirrear a independencia do proprio Brasil...

Na organização do senado brasileiro (22 de janeiro de 1826), foi o Marquez de Barbacena (então Visconde) nomeado senador pela provincia de Alagoas, dando-se a circumstancia notavel de haver sido seu nome contemplado simultaneamente em listas apresentadas á escolha imperial: —por aquella provincia e pelas da Bahia e Minas-Geraes.

Por esse tempo irrompeu ao sul do Imperio a guerra, entre Brasileiros e Argentinos, por causa da provincia Cisplatina, actual Republica Oriental do Uruguay, e foi-lhe entregue o commando em chefe do exercito brasileiro reduzido a condições precarias. Repellio o inimigo em varios pontos, e com vantagem, e si a batalha de Ituzaingo (20 de Fevereiro de 1827), sem exito completo, não recorda esplendido triumpho de nossas armas, ella não significa de modo algum uma derrota como têm dito chronistas de má fé.

A este respeito escreveu o Dr. J. M. de Macedo, em cujo estudo sobre este notabilissimo Mineiro colhemos alguns dos subsidios para a presente noticia biographica:

—«O estado do exercito era lastimoso: faltava tudo aos soldados, e tudo para o desenvolvimento de um plano de campanha. O Marquez de Barbacena assumio o commando em chefe em Janeiro de 1827: activo e energico — improvisou recursos, reunio ao exercito a respectiva esquerda que se achava a oitenta leguas do centro, procurou o inimigo e com forças aliás inferiores deu a batalha de Ituzaingo a 20 de Fevereiro. Não cabe aqui o estudo dessa batalha: depois de onze horas de fogo, sentindo falta d'agua, os soldados em tormento pelo calor excessivo e pelo fumo proveniente do incendio dos campos circumvisinhos a que recorrera o inimigo, e emfim duvidando do exito da acção, o Marquez de Barbacena ordenou a retirada para Cacequy, ponto estrategico a meia legua de distancia. A retirada effectuou-se

regularmente, a passo ordinario, e sem a menor perturbação da ordem dos batalhões: o inimigo nem moveu-se para aproveitá-la, como o faria, si fosse vencedor perseguindo vencidos, e nem uma só vez depois, nem um só dia, procurou incommodar o exercito brasileiro e menos encontrar-se com elle. E é preciso não esquecer que o Marquez de Barbacena dera a batalha com *seis mil e seiscentos homens* contra *dez mil cento e quarenta*. E' esta a famosissima victoria de *Ituzaingo*, a maior gloria marcial de que se desvanecem os Argentinos. O Marquez de Barbacena soffreu graves censuras pela ordem que dera para a retirada do exercito, e parece demonstrado por investigações posteriores que por pouco mais que durasse a batalha seria incontestavel e decidida a victoria das armas brasileiras; mas não houve general, official nem soldado que não desse testemunho da coragem e serenidade, com que o Marquez commandára e dirigira a acção, exposto sempre ao fogo do inimigo e mostrando-se imperturbavel do principio ao fim.»

Outro notavel escriptor brasileiro, o Sr. Dr. Eunapio Deiró, em desenvolvido estudo que publicou recentemente sobre a batalha de Ituzaingo (jornal *A Noticia*, do Rio de Janeiro, Julho de 1896), justifica plenamente e engrandece o Visconde de Barbacena n'aquella acção militar, em geral erroneamente apreciada, isto é, apreciada de accordo com a versão argentina, provadamente a menos fiel.

Desse estudo extractamos os seguintes trechos que dizem muito:

«Da batalha de 20 de Fevereiro resultou uma situação anomala entre os dois exercitos; situação, que se explica pela deficiencia de munições — quanto ao brasileiro, e quanto ao argentino o facto de sua inacção e fuga exclue a pretensão de ter sido o vencedor. Uma rapida comparação evidencia a realidade.

O exercito de Barbacena cumpriu o seu dever. Não faltou a um dos objectivos de sua missão, isto é — de expellir do territorio rio-grandense as tropas argentinas. Ao contrario, o exercito de Alvear (inculcado vencedor) perdeu a posição. Não se pôde manter no solo invadido. Ficou inteiramente nas condições de vencido. Largou a presa e fugitivo repassou a fronteira.

O general argentino não realisou o intento do governo da Republica: isto é, de invadir e occupar o territorio brasileiro para absorver ahi as forças do imperio e, collocando-o na impossibilidade de emprehender operações no Rio da Prata, dar tempo a consolidar-se a independencia e a união da Banda Oriental ás outras provincias argentinas. O interesse capital da invasão era esse; a victoria o teria sustentado.

Barbacena o aniquilou cabalmente em Ituzaingo. Arriscando-se a esta batalha, não só fez um grande acto de patriotismo, como de habil strategico, reduzindo a nada o plano de campanha do contendor. O

exercito argentino, tendo penetrado em Bagé, iria por diante. A provincia devastada, sem recursos e meios de resistencia, se submeteria á vontade imperiosa do invasor. Poderião ser bem funestas as consequencias para a integridade do imperio. O Rio Grande do Sul quiçá passaria a ser para a Republica Argentina o que Montevideo era para o Brasil — uma annexação ou conquista.

Nas condições em que se achava, o Marquez foi pedir á fortuna o que não lhe ministrou a sabedoria do governo do seu paiz. A victoria completa teria sido um milagre de heroismo. A victoria INDECISA ou a retirada honrosa, habil, e ainda imponente, illustra e de certo não pôde condemnar o nome do general Barbacena perante a posteridade. Esta, que não esposa as paixões da época, attenta principalmente nos resultados que conseguiu tal batalha calumniada, mas que foi efficacissima para livrar o sólo sagrado da patria da invasão argentina.

O Marquez não podia fazer surgir, batendo com o pé no solo, legiões guerreiras armadas. Não podia fazer a guerra com um exercito *imaginario*, mas sim com um exercito, que o governo imperial não soube aparelhar.

Diz uma testemunha: «O que o esforço supremo da coragem, os impetos do patriotismo, a lucidez da intelligencia, a firmeza de animo podem fazer no tremendo drama da guerra, Barbacena patenteou no campo de batalha, sempre soberbo e imperturbavel e esplendido de grandeza moral e heroica energia.»

O autor d'este juizo não era favoravel em outras occasiões, em que se declarou prevenidissimo contra o Marquez, cujos actos observou com a curiosidade d'um critico severo. O autor era um official prussiano, que servio no exercito durante a campanha do sul e combateo em Ituzaingo ao lado e ás ordens do marechal Barbacena, cuja superioridade, como guerreiro, lhe mereceu elevadissimo apreço: é, pois, juizo insuspeito e competente.»

Exonerado do commando do exercito, partio o Marquez de Barbacena para a Europa, incumbido por D. Pedro I de procurar nas principaes Côrtes uma princeza para sua esposa, e estudar de perto os negocios politicos, de Portugal, que então, por interesses dynasticos, prendião-se estreitamente aos do Brasil. Desempenhou-se habilmente da dupla missão, e, pouco depois de regressar ao Rio de Janeiro, voltou de novo á Europa, acompanhando, como tutor, a joven rainha D. Maria II, que devia ser entregue a seu avô materno, o imperador da Austria, e levando instrucções e poderes para as ceremonias dos esponsaes com a princeza D. Amelia de Leuchtemberg, filha do principe

Eugenio de Beauharnais (enteado de Napoleão I), futura segunda imperatriz do Brasil.

Ao chegar á Gibraltar, soube que D. Miguel fôra aclamado rei absoluto de Portugal e que a chamada *santa-alliança*, em que entrava o imperio austriaco, favoreava aquella usurpação: não hesitou por isso em tomar a grande responsabilidade de não seguir para a Austria, conforme as ordens que lhe déra Pedro I, a quem de tudo informou, indo para Londres com D. Maria II. Cumprindo novas ordens, porem, tornou para o Rio de Janeiro acompanhando esta princeza e a segunda imperatriz do Brasil.

Em Dezembro de 1829 coube ao Marquez de Barbacena organizar ministerio, no qual encarregou-se da pasta da fazenda, e conseguiu pela notavel influencia que tinha no animo de Pedro I, realizar importantes e saltares reformas não só na publica administração, de accordo com as praticas liberaes da Inglaterra, das quaes era fervoroso adepto, mas tambem no próprio regimen interno do palacio imperial, tendo alcançado do Imperador que este fizesse partir para a Europa dois favoritos influentes, seus confidentes, suspeitos e accusados de indebita e escandalosa intervenção nos negocios do Estado—o celebre Francisco Gomes da Silva (vulgo Chalaça) e Rocha Pinto. Era uma grande conquista essa, politica e moralisadora, que feria o poder pessoal e que açaimava a camarilha de S. Christovão. Entretanto, — escreve o auctor do *Anno biographo brasiletro*, — ou desconfiança inexplicavel, ou intriga palaciana, ou o que quer que seja, de subito, inesperadamente, a 5 de Outubro a *Gazeta Official* publicou o decreto que demittia de ministro da fazenda o Marquez de Barbacena, e, peor que isso, contra os estylos até então seguidos, o decreto aggravava o acto da demissão, dando a esta fundamentos que não erão honrosos para o ministro, isto é, a conveniencia de liquidar a divida de Portugal contrahida pelo tratado de 29 de Agosto de 1825, sendo necessario para esse fim tomarem-se primeiro as contas da caixa de Londres, examinando as *grandes despesas* feitas pelo Marquez de Barbacena, tanto com S. M. Fidelissima, como com os emigrados portuguezes na Inglaterra, e especialmente com o casamento do Imperador, o que não se podia verificar legalmente, exercendo o Marquez o ministerio da fazenda.

A origem desta subita e brusca mutação de Pedro I relativamente ao seu primeiro ministro, até alli cumulado de honras e distincções, mutação que o illustrado auctor do *Anno biographico* assignala, encontramol-a clara e positiva n'uma pagina (394) do 2.º vol. da *Voyage dans le district des dtamans*, do já citado Saint-Hilaire, contemporaneo dos personagens de quem nos occupamos. Referindo-se á sa-

hida para a Europa dos validos de Pedro I — o *Chalça* e Rocha Pinto, — observa Saint-Hilaire: «Chegado a Londres, Gomes ahí aproveitou bem o tempo, reunindo quantos documentos pôde obter no intuito de provar que Felisberto (Marquez de Barbacena) nem sempre fôra um agente irreprehensivel; e esses documentos mandou-os elle ao proprio Imperador. O affecto que este votava ao seu ministro transformou-se de subito em indignação...» Vê-se assim que o diplomata era victima das manobras do antigo valido, ancioso de vingar-se.

Quaesquer que tenham sido os erros ou faltas do Marquez de Barbacena como representante do Brasil na Europa, duvidamos que elles fossem a causa de sua insolita demissão. O motivo desta estava em quem a promovia de Londres, d'ali denunciando as reaes ou suppostas prevaricações do Marquez, esse mesmo *Chalça*, favorito e confidante, de quem se recordava saudoso Pedro I, já fatigado, alem disso, da doutrinação politica liberal do ministro Barbacena, incompativel com seu temperamento voluntarioso, dominador e antagonico ás prescripções do regimen constitucional, e até do decoro de uma monarchia educada.

Diante do acto que o feria no character e arrebatava-lhe o poder, o Marquez, justamente indignado, reagiu com energia. Respondeu em officio extenso, que vulgarisou em folheto, defendendo-se vigorosamente; e, por sua vez, atacou o governo pessoal do Imperador, conseguindo-se, assim, tornar a contenda uma verdadeira questão nacional, na tribuna parlamentar e na imprensa. Dest'arte, sem figurar ostensivamente nos acontecimentos que logo após trouxeram a revolução de sete de Abril de 1831, muito contribuiu para elles, e para o acio da abdicção de Pedro I, desfecho logico e inevitavel da crise.

No anno de 1836, sob a regencia de Diogo Feijó, o Marquez de Barbacena ainda voltou á Europa em nova missão do governo brasileiro para, como ministro plenipotenciario, promover a interpretação do tratado de commercio com a Inglaterra. Nada obteve nesse objecto, mas regressou trazendo duas propostas sobre assumptos de grande alcance: uma de banqueiros inglezes, concernente á fundação no Brasil de um banco, que retirasse da circulação o papel moeda; e outra, de companhia ingleza, para construir uma estrada de ferro do Rio de Janeiro a Minas-Geraes, o primeiro plano da actual Estrada de Ferro Central do Brasil.

De 1831 até pouco antes de seu fallecimento foi o Marquez de Barbacena assiduo na tribuna do Senado, ahí mostrando-se orador eloquente, e dando repetidas provas de sua intelligencia superior, de seus vastos conhecimentos administrativos e economicos, de seu es-

pirito adiantado e liberal, não obstante as exterioridades aristocraticas, tratamento luxuoso e habitos de aparato, quasi principescos, que o assignalavão, como nol-o attesta a tradição registrala.

Quasi septuagenario já, mas vigoroso ainda na organismo e na mentalidade que, em todo o sentido, o caracterisarão como um forte, o Marquez de Barbacena falleceu no Rio de Janeiro a 13 de junho de 1841, deixando nomeada, que adquerira por talentos superiores e applaudidos, por actividade e energia raras, por coragem civica e militar admirada, e por acções de verdadeiro patriotismo.

Teve o illustre Mineiro pleno direito áquella nomeada, como um dos Brasilleiros eminentes que bem servirão e glorificarão a patria.

O papel importante que na vida publica coube-lhe representar deu-lhe excepcional, e invejada notoriedade:— figurou não raro com brilho e sempre distinctamente, não ha negar, em muitos dos maiores acontecimentos do seu tempo, no Brasil: — pertencem-lhe incontestavelmente não poucas paginas da nossa historia politica, da nossa historia diplomatica e da nossa historia militar.